

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O pos-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visao de mundo [The postmodern is a claim to multiplicity of worldview]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Vattimo, Gianni
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-21 19:18:42
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162881

Entrevista da semana

“O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo”

Entrevista com Gianni Vattimo



Balizando-se em Nietzsche, o filósofo italiano Gianni Vattimo disse que a morte de Deus significa a morte do Deus único, como valor supremo. Assim, há que se abrir espaço para a multiplicidade. “Assim como as diferentes culturas são as diferentes maneiras de tratar o real. É bom que tenhamos muitos meios terapêuticos para que possamos nos defender das ameaças da natureza”. Sobre as questões relacionadas à ética, Vattimo disse que “ou nos tornamos cristãos, ou não sobrevivemos”, pensando

numa ética cristã que prega “sobretudo, a caridade, o respeito ao outro em sua liberdade”. As afirmações foram feitas na entrevista concedida pessoalmente à *IHU On-Line* por ocasião de sua estada em Porto Alegre, na véspera da palestra que proferiu no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*, em 18 de outubro. Vattimo recebeu a reportagem de *IHU On-Line* no Hotel Intercity, momentos após Michel Maffesoli ser ouvido pela revista.

Gianni Vattimo nasceu em Turim, em cuja universidade se formou em Filosofia e ministra aulas até hoje, após uma especialização na Universidade de Heidelberg (Alemanha), e, algumas passagens por universidades americanas, como professor visitante. Foi deputado no Parlamento Europeu, integrando várias comissões, como as de cultura, educação e justiça, entre outras. Estudioso do pensamento de Nietzsche, Heidegger e Gadamer, Vattimo é conhecido como o mentor do “pensamento fraco” (*pensiero debole*), que ele mesmo define como “uma filosofia fundada sobre a idéia do enfraquecimento das estruturas do ser como sentido da emancipação da história humana; emancipação que vai exatamente na direção de um enfraquecimento das estruturas objetivas, ou seja, daquilo que a metafísica chamava o ser”. O filósofo propõe uma maior liberdade de reflexão sobre a realidade e o ser opondo-se às certezas da metafísica clássica a respeito do fundamento único da realidade - para construir, assim, uma filosofia que dá margem a interpretações mais largas (os três grandes mestres da hermenêutica da modernidade, Nietzsche, Freud e Heidegger, estão presentes na idéia de “pensamento fraco”).

Gianni Vattimo concedeu duas entrevistas exclusivas ao *IHU On-Line*, uma na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003, e outra na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º de novembro de

2004, um artigo no *IHU On-Line* número 53, de 31 de março de 2003 e outro no número 80, de 20 de outubro de 2003. A editoria *Livro da Semana*, do número 149 da *IHU On-Line* de 1º de agosto de 2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Gianni Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. Da produção de Vattimo, destacamos *Más allá de la interpretación*. Barcelona: Paidós, 1995; *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996; *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998 e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1*.

***IHU On-Line* - Quais são as principais metamorfoses pelas quais passa a cultura contemporânea?**

Gianni Vattimo - Basicamente, penso que há o pós-moderno, que não está encerrado. Estamos na pós-modernidade, na medida em que não há mais uma crença na linearidade da história do progresso, ou seja, a pós-modernidade começou quando o povo das ex-colônias começou a se revoltar com a idéia de ser somente fases anteriores do desenvolvimento representado pela civilização européia. E isso se tornou importante, pois, mesmo que a globalização pretenda unir, haverá, no futuro, uma multiplicação de cultura e não somente a unificação. Os movimentos antiglobalização não são contra a comunicação mundial, mas contra a economia total das relações internacionais. É preciso aceitar alguns aspectos da comunicação e recusar outros. Existe a tendência, mesmo na União Européia, de reduzir tudo o que se exporta e se importa sob o ponto de vista do mercado. Então, por exemplo, os serviços essenciais, como a saúde e a educação, não podem ser submetidos a isso. É necessário que a globalização seja espontânea. Devido aos movimentos políticos, há uma corrente em direção ao reconhecimento da diversidade, da multiplicidade etc. Esta é a tendência mais positiva da globalização.

***IHU On-Line* - Como a cultura e a política são afetadas pela pós-modernidade, pela globalização e pelo pragmatismo?**

Gianni Vattimo - O pragmatismo é um problema. O termo poderia se aplicar ao "mensalão" no Brasil. Por outro lado, o

pragmatismo filosófico é outra coisa. É a idéia de que não há realidade estabelecida para sempre, há ajustes de grupos ou de pessoas às situações. É um pouco como a revolução darwiniana. Na história, há posições, atitudes, culturas que sobrevivem melhor que outras. Então, não é um critério absoluto, não se pode falar de verdade absoluta. No pragmatismo, na pós-modernidade, digamos, a política e a cultura são chamadas a reconhecer e a mover-se na multiplicidade. Na política, não há somente a necessidade de que os partidos políticos se multipliquem, mas que se respeitem e, sobretudo, que respeitem os cidadãos, o que é outra coisa. É a multiplicidade, sobretudo, da sociedade em si. O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de culturas, de visão de mundo. Isso pode ser definido contra as tendências unificadoras que certas grandes potências de hoje, os Estados Unidos, por exemplo, querem cultivar. Há um inimigo, os islâmicos, e há nós. Mas quem somos nós? Em princípio, a política e a cultura pós-moderna são atitudes pluralistas, mesmo sendo disseminatórias. É justamente a isso que me proponho em minhas atividades. Não identidades locais, o que se torna seguidamente muito fechado, muito comunitarista, mas uma multiplicidade que produz, é o que eu dizia antes. Nietzsche, quando disse que Deus morreu, disse que queremos que vários deuses vivam após a morte de Deus único, ou seja, do valor supremo. Nós queremos multiplicar as culturas mesmo sob o ponto de vista da vida no planeta. Tais como as diferentes culturas, são as diferentes maneiras de tratar o real. É bom que tenhamos muitos meios

terapêuticos para que possamos nos defender das ameaças da natureza. É preciso manter a multiplicidade da cultura ao máximo.

IHU On-Line - Como se pode pensar a ética em uma sociedade que tem necessidade de dizer a Deus que, na verdade o homem não é, ele acontece?

Gianni Vattimo - Eu compreendo, no mínimo, a significação do problema de uma ética em uma condição desse tipo, pluralista. Acredito que (digo isso sempre de uma forma um pouco terrorista) ou nos tornamos cristãos, ou não sobrevivemos. Quer dizer que a ética cristã é a que prega, sobretudo, a caridade, o respeito ao outro em sua liberdade. Deve ser possível organizar toda a ética coletiva e individual sobre essas bases, mesmo nos casos como a eutanásia, o aborto, a manipulação de embriões etc. E nos questionamos: Como fazer para respeitar a liberdade do embrião, do doente terminal, do deficiente? Existe sempre a possibilidade de consultar as pessoas que são tutoras naturais dessas entidades sem expressão, como o embrião. A quem falaremos? Ao Papa? À mãe? Ao pai? É o respeito da liberdade e da decisão livre, argumentada. É a base de toda a ética possível. É como respeitar o princípio que vem da caridade. O que quer dizer “amar ao próximo”? É respeitar sua liberdade. Então, seguidamente os intérpretes oficiais, os da ética cristã, nos impedem, por exemplo, de praticar a eutanásia, mesmo que alguém queira morrer, porque a vida deve ser respeitada antes de tudo. Por quê? Se as células de câncer estão vivas? Mas eu não respeito isso. Não respeito os mosquitos, por exemplo. Então, não é a vida que deve ser respeitada, mas a vida como condição de liberdade. Quando a liberdade está em conflito com a vitalidade, com a sobrevivência, eu sou livre de escolher a liberdade, e não a sobrevivência a qualquer preço. E isso implica muitas coisas, em todas as políticas sobre a família, sobre a biociência. É uma questão

de consentimento livre e não de correspondência a uma realidade natural que, diga-se de passagem, ninguém reconhece além das autoridades que afirmam reconhecê-la, como o Papa, por exemplo. Acredito que há muito a ser feito, como reduzir toda a ética, como sempre digo, ao princípio da caridade e as regras de trânsito. A única coisa absoluta é a caridade, em relação a todos. Depois, há as regras de trânsito. Eu, por exemplo, não atravesso no sinal vermelho. Atravesso as ruas no sinal verde, porque não quero causar danos aos outros. Mesmo a idéia de que tudo pode se reduzir ao princípio da caridade e de que todo o resto são princípios em relação, evidentemente, convenções que se devem respeitar, por amor ao próximo, e não por respeito à naturalidade das coisas.

IHU On-Line - Em que sentido o pensamento de Nietzsche seria pertinente para se pensar a sociedade pós-moderna?

Gianni Vattimo - Nietzsche disse muitas coisas. E não é muito fácil unir suas idéias de mundo, que não são tão contraditórias como se acredita. Por exemplo, ele anunciou o niilismo, ou seja, a morte de Deus, que não tem nada a ver com o Deus dos cristãos, e sim, com a morte da pretensão de ter um princípio único para toda a realidade. Este princípio único era também o valor supremo. E se o valor supremo cair? O que nos restará fazer? Será a luta de todos contra todos? Talvez. Mas, sobretudo, isso deverá ser o princípio de interpretação livre do mundo que se confronta com outras interpretações. Digamos que Nietzsche escreveu também frases muito violentas. É por isso que os nazistas acreditavam poder reconhecê-lo como seu mestre. Entretanto ele também disse que a luta entre a vontade de poder não era a luta de vontade de afirmação de uma força física, pois a força bruta é um absoluto natural. É como dizer “eu sou o mais forte, eu luto”. Ele passou a uma luta de interpretação do mundo. E na situação de niilismo completo que ele descreve:

“se não nos tornamos um único homem, perecemos, estaremos perdidos”. Tornar-se um único homem, porém, quer dizer tornar-se intérprete, livre de verdade no mundo. Propor-se como um modelo de existência, construir-se como uma proposta de formas de vida diante dos outros. É principalmente a luta, a sede de poder e o fato de assumir a responsabilidade de sua própria existência. Felizmente ou infelizmente, estamos nessa condição.

IHU On-Line - Então, o senhor vislumbra no pensamento de Nietzsche uma esperança?

Gianni Vattimo - Como digo, estudei muito tempo Nietzsche e não teria coragem de dizer que sou nietzschiano a qualquer preço. Entre seus ensinamentos, escolhi os que me parecem adequados a um mundo multicultural e multipolar, onde, digamos, a recomendação ética é saber viver nesse mundo sem voltar a ser absolutista, pois o que fazem as pessoas? Não há mais religião. É preciso refugiar-se em religiões absolutistas. Então há cristãos, há os islâmicos... Nada disso. Acredito que, em Nietzsche, há também o princípio de uma consideração de um mundo plural, de um mundo democrático. O que Nietzsche não teria jamais dito, mas é verdade, é que se não nos tornarmos um único homem, não sobreviveremos e não nos organizaremos em uma comunidade de pensamento. Não sobreviveremos como indivíduos, mas nos tornaremos parte de uma máquina mundial. Acredito que muitos ensinamentos de Nietzsche são muito úteis hoje.

IHU On-Line - Como o conceito de pensamento fraco, de sua autoria, pode ajudar a compreender a sociedade atual?

Gianni Vattimo - Não sei se a compreendemos, pois, no fundo, nunca compreendemos nada se não há projeção de uma transformação. Como na famosa sentença de Marx: “até hoje os filósofos puderam interpretar o mundo, mas chegou a hora de mudá-lo”. Interpretar o

mundo significa também, mudá-lo. Não se interpreta nada sem um projeto de transformação. Não sei se o *pensamento fraco* me ajuda a interpretar o mundo, mas certamente me ajuda a tratar de transformá-lo em relação à menor violência, menor periculosidade, menor vontade de dominação dos outros, até mesmo contra a tentação de explorar a natureza. Nietzsche também escreveu o seguinte: “na luta que se desenvolve no niilismo completo, quem vai ganhar?” O mais forte? O mais violento? Não. O que possui maior ironia, mesmo em relação a si mesmo, o que já é algo. O *pensamento fraco* é a idéia de que a única emancipação possível da humanidade seja a redução da violência. E isso não é tão absurdo assim.

IHU On-Line - De que maneiras a globalização e suas conseqüências podem resultar em uma nova compreensão do sujeito contemporâneo?

Gianni Vattimo - Se a globalização não for ouvida como a afirmação do pensamento único, mas como a difusão de certos meios de comunicação, como a Internet, que nos colocam em comunicação com muitas pessoas. Se então conseguirmos resistir à tentação de poder, de unificar no sentido da homologação de todos, o sujeito em si deve tornar-se alguém múltiplo. Por exemplo, os filhos dos funcionários de organizações internacionais aprendem, no mínimo, duas línguas em casa, ou seja, eles já são diferentes. Vamos aprender inglês, pois a própria Internet nos conduz a isso, embora continuemos falando nossas línguas em nossos países. Isso é uma profunda transformação da subjetividade. Quer dizer que, mesmo para ser frágil, é preciso ser capaz de multiplicidade. Não posso acreditar em minha verdade absoluta se devo ser tolerante. Talvez a psicanálise seja uma disciplina que tenha nascido com o princípio de pós-modernidade. Muitos psicanalistas pensam, hoje, que, quando vou ao analista não é porque finalmente unifiquei toda a minha personalidade, e

sim, porque comecei a compreender que há muitos planos diferentes. Quando se diz: “Eu era um bêbado. Era terrível. Hoje faço análise, continuo bebendo, mas não tenho mais sentimento de culpa”. Trata-se de algo muito mais complexo, acredito que tudo isso é seja o nosso futuro. O fato de viajar à Antártida, de poder passar de um mundo cultural a outro, mesmo pensar em viagens interplanetárias, é algo que afeta profundamente nossa subjetividade. Não vejo isso sempre num sentido negativo. Isso nos permite viver muitas vidas. Uma outra frase de Nietzsche: “... não uma alma imortal, várias almas mortais”. Nada mal, não?

IHU On-Line - Sobre o cenário mundial, qual seria a missão do Parlamento Europeu?

Gianni Vattimo - Estive muito tempo no Parlamento Europeu. Hoje não sou mais membro. No Parlamento Europeu, há muitas fraquezas, mas a Europa unificada seria a primeira vez em que um grande assunto político e histórico se resolve sem violência. Todas as grandes unificações do mundo, mesmo as colônias americanas, que se tornaram os Estados Unidos, são fruto de uma revolta contra a Grã-Bretanha. A unificação da Itália no século XIX foi a obra de uma dinastia que dominou todo o país. Então, devido a isso, torna-se um processo muito lento e difícil. O Parlamento Europeu deveria hoje tratar de uma Constituição, não de uma limitação de Estados Unidos, o que constitui o problema pelo qual a Constituição não foi aprovada pelos franceses. Tivemos o *referendum*, e os franceses recusaram a Constituição Européia. O que gerou muitos problemas, pois não se sabe agora o que fazer com a França. O motivo para esquerda é que se trata de uma Constituição que protege sobretudo o livre mercado, sem ter idéias sociais, de assistência social, de participação pública e socialismo. Escrevi um pequeno livro que traz uma relação dessas políticas, nos últimos meses, (sob a ótica) de minha posição como deputado. Chama-se *Le socialisme ou l'Europe*, não no sentido “ou o socialismo, ou a

Europa”. A Europa somente pode viver se tiver um horizonte socialista com uma participação popular, uma verdadeira democracia, uma economia suficientemente estatal. Os europeus deveriam engajar-se em um processo de construção que visa somente a tornar-se uma cópia dos Estados Unidos? Na Europa, há muito do que Bush e seus amigos chamaram de “velha Europa”, que é a Europa liberal, pouco socialista, de pouca assistência pública, e intervenção do estado na economia. Tudo o que os americanos não conhecem e, por essa razão, estão se arruinando. Paradoxalmente, se considerarmos que a história dos Estados Unidos contemporânea é a profecia de Marx que se realiza: o número de riscos reduz, em contrapartida o número de pobres aumenta e a desigualdade entre o mais rico e o mais pobre aumenta a cada dia. Ou encontramos uma alternativa, como o socialismo europeu, ou vamos em direção à uma catástrofe, também militar, pois da maneira como vão as coisas, os Estados Unidos não podem deixar de fazer guerra. É preciso fazer algo diferente.

IHU On-Line - O Brasil está vivendo um período de decepção política com a esquerda. O que o senhor pensa dessa noção de esquerda e direita? Ela é ultrapassada?

Gianni Vattimo - Em geral, quando se diz que a diferença entre esquerda e direita é ultrapassada, desconfio da direita. A esquerda sempre foi baseada nos ideais dos pobres, na igualdade, nos ideais da Revolução Francesa. Evidentemente, os homens de esquerda não são, às vezes, suficientemente de esquerda. E aí não sou otimista, pois o que vejo, mesmo na situação brasileira atual, não somente na crise de Lula, é uma crise da democracia. Revela-se que mesmo a esquerda, que era apoiada pelo povo, não pode deixar de se submeter ao mecanismo de democracia formal que exige dinheiro. Então, o que se pode fazer nesse mundo? Em princípio, suspeitar um pouco dos que querem a democracia formal a qualquer preço. Quem prega e impõe a democracia

com os votos em todo o mundo? Mesmo no Iraque? Os Estados Unidos. Com o quê? Com as bombas, ou seja, sou um sincero democrata, mas vejo o risco horrível de que a democracia funcione somente como órgão das classes ricas, que pagam os políticos para seus próprios interesses. Então, estou pessoalmente em uma situação bastante crítica. Torno-me cada vez mais comunista. Um dos meus slogans eleitorais das eleições européias era: “O comunismo real está morto. Viva o comunismo ideal”. O princípio pelo qual se podia ser comunista, na época de Stalin, era o de que existia o terror. Isso não existe mais. Recomeçamos a pensar qual é o sistema econômico e político que pode sobreviver. O sistema americano mostra que está em uma crise crescente. Eles dizem que não é verdade, mas é visível. O antiamericanismo não é ilusão. As pessoas sentem essa imposição. Além disso, Bush ganhou as eleições trapaceando como um louco. Na Itália, o processo é o mesmo. Temos um presidente que é um dos homens mais ricos do mundo, que possui grande parte da mídia. Ele ganhou as eleições com seus próprios meios. O que a esquerda vai fazer? Vai aceitar compromissos com os moderados, com o centro, com a ajuda das classes ricas. O que mais podemos esperar? É verdade que a esquerda não ganha na Itália, pois os pobres não são maioria no país. Aqui Lula ganhou porque os pobres eram a grande maioria. Eu admirava muito Lula e estou decepcionado com o fato de seu partido ter tido todos esses problemas. Mas atenção! É preciso ver o que vai acontecer após Lula no Brasil. As pessoas que apostaram em Lula, deveriam continuar acreditando. Caso contrário, haverá uma economia dominada por estrangeiros.

Uma economia de exploração. Confesso que sou atualmente “chavista”. Conheci a Venezuela de Chaves. É verdade que ele é um ditador. Pode ser. Mas o presidente da Itália, que é quase a mesma coisa, que comanda a mídia, não constrói hospitais, escolas, como faz Chaves na Venezuela. Se tiver que escolher entre esses dois democratas, prefiro Chaves.

IHU On-Line - O senhor acredita ser necessário ultrapassar o niilismo? Quais as conseqüências desse fenômeno na pós-modernidade?

Gianni Vattimo - O niilismo é um termo com péssima reputação. Nietzsche falava de duas formas de niilismo: uma negativa e uma construtiva, ativa. O niilismo ativo, é o que falava antes, “Deus morreu, mas não devemos continuar de luto”. Construimos novos deuses, sistemas de valor. O problema de nossa sociedade não é o de sermos niilistas, mas de não o sermos o bastante. Há muita necessidade de absoluto em nossa sociedade, como a lei do mercado, as afirmações da Igreja Católica, a história da família como base, a propriedade privada. Tudo isso é absoluto. Enquanto não destruímos esses absolutos, não seremos niilistas o bastante. Quando isso acontecer, teremos, provavelmente, um mundo mais livre, no qual a liberdade consiste em partilhar sistemas de valores sobre os quais se discute, não se assume como naturais. Quando me dizem “seja homem”, se eu o sou, tudo bem. Mas se não sou? Por que deveria sê-lo? Nisso consiste o ciclo vicioso de todas as éticas absolutistas. Quando me dizem: “seja homem”? Quando querem me mandar para a guerra. Então, querem expor minha natureza para me fazerem executar algo que não quero. A liberdade é justamente o niilismo verdadeiro e social.